MUSEU "FREI GALVÃO" - CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
PR. CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 48 - 1º ANDAR
GUARATINGUETÁ - SÃO PAULO - BRASIL
ANO DE 1982

GUARATINGUETÁ HISTÓRIA 34

ALGUNS ASPECTOS DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA EM GUARATINGUETÁ

Benedito Dubsky Coupé



Iniciado o Movimento Constitucionalista na cidade de S.Paulo a 09 / 07/1932, foram logo mobilizados todos os setores da Capital e do Interior do Estado, destacando-se o Vale do Paraíba devido ao temor de que por ele viria a maior reação do Governo Federal seja pela frente de Queluz-Bananal, seja pela divisa de Minas, principalmente no "Túnel" entre Cruzeiro e Minas, seja por Cunha com tropas vindas desde Paraty. Em Guaratinguetá, já nos primeiros dias, muitos voluntários apresentam-se às autoridades para se dirigirem para a frente de combate. Comícios são programados para a Pr. Conselheiro Rodrigues Alves. Senhoras e senhoritas oferecem-se para auxiliar no que fosse necessário. Com a notícia de que fuzileiros federais haviam entrado em Cunha, um grupo de jovens para lá se dirige e, graças a estratagemas de esperteza, consegue expulsá- los de Cunha e fazer o primeiro prisioneiro da Revolução, a 14/07/32 (Euclides de Figueiredo: "História da Revolução Constitucionalista"). Uma comissão de Senhoras e senhoritas instala, em prédio situado à esquina da atual Rua 9 de Julho com a Marechal Deodoro, a "Casa do Soldado", que atendia aos soldados em trânsito e aos acantonados na cidade, bem como às suas famílias. Três aviadores se apresentam para servirem na Revolução. Foram formadas outras comissões de senhoras para cuidar da roupa dos soldados e feridos. Prédios foram cedidos para a instalação de hospitais de campanha e secções da Cruz Vermelha. Senhoritas instalaram o "Bazar do Sol

dado" para o fornecimento gratuito de miudezas e material para a correspondência,. Vários prédios da cidade serviram para o acantonamento dos soldados paulistas, principalmente na fase final da Revolução. Em outros, como na Escola de Farmácia, instalaram-se hospitais de emergência. Foram criados postos de abastecimento, como no Clube Literário, no Mercado Municipal, na casa da Família Rangel de Camargo etc. Formaram-se batalhões de voluntários, como o Batalhão "Frei Galvão" e o Batalhão "Rodrigues Alves", que são incumbidos da vigilância de vários pontos do município, principalmente na região da Serra da Mantiqueira. As namoradas procuravam incentivar os rapazes a se alistarem e ante uma recusa destes, muito namoro ali terminou. Realizaram-se as campanhas do "Ouro para a Vitória" e do "Capacete de Aço" com grande número de generosos contribuintes.

No mais, o povo ia levando sua vida como podia, nesses dias agitados, sem maiores anormalidades. Às vezes a passagem de tropas ou a do "Trem Blindado" atraía grande número de curiosos até a estação da estrada de ferro. Outras vezes, a morte de algum soldado guaratinguetaense vinha encher de tristeza as famílias e amigos, em enterros concorridos. Os comícios inflamados também atraíam muita gente, que nem sempre tinha uma clara idéia do que estava acontecendo e porque acontecia. Para o "povinho", tudo era uma coisa meio confusa e distante.

Mas, pelos meados de setembro, com a chegada mais frequente de pessoas vindas das cidades mais a leste, com a abertura de trincheiras desde a fazenda das Três Barras até a Colônia do Piaguí, passando por Engenheiro Neiva, e o medo do avanço dos "temidos federais!", dá-se a progressiva retirada dos habitantes da cidade, a partir dos bairros da zona leste. Com a ameça da queda de Lorena, para cá transferido o Q.G. da D.I.O., sob o comando do Coronel Euclides de Figueiredo, a 13 de setembro (logo depois transferido para Apa

recida), aumenta a movimentação de tropas em retirada da região de Lorena para, em novas posições, conterem o avanço dos federais. O mais terrível, porém, é o incessante bombardeio da cidade por canhões de 120 e 150 mm a partir de Lorena e pelo famoso "Vermelhinho" da aviação federal. O bombardeio da cidade visava principalmente à região compreendida por um raio de 500 metros, mais ou menos, a partir da estação da EFCB, atingindo muitos prédios, como o ainda existente à Rua 9 de Julho, atual nº 44. Outra bomba atingiu a cozinha da casa dos Filippo, à esquina da Rua José Bonifácio com Monsenhor Filippo, matando a filha da cozinheira. Outra atingiu um trem de retirantes, ferindo muitos passageiros. Durante os bombardeios, quem morava em sobrado ou era amigo do dono, refugiava-se nos porões; para os demais, o jeito era abrigar-se em baixo das camas...

E a população abandonou a cidade... Poucos aqui permaneceram. O "Estado de S.Paulo" de 26/09/32 traz uma reportagem sobre o bombardeio e descrição da cidade abandonada pela população. Alguns se dirigiram para casas de parentes nas cidades Paraíba acima. A maioria dirigiu-se para as fazendas da região dos Motas, do Bonfim etc. As estradas desses bairros encheram-se de gente em retirada. Iam a pé, a cavalo, de charrete, de carro-de-boi, cada um como podia, levando seus trastes, seus cachorros e gatos, suas galinhas, em carrocinhas, cargueiros, cestas, trouxas, sacos às costas, "fugindo o mais longe possível daqueles malfeitores federais...". Nas fazendas, nas casas dos "roceiros" e nas igrejas, até mesmo em currais, ia surgindo o probelma de acomodações, de alimentação e de higiene. Em algumas fazendas, comerciantes da cidade que tinham conseguido levar mercadorias, vendiam-nas a quem pudesse comprá-las. Mas, os mais pobres tinham que se valer de recursos vários para se alimentar ou esperar o fornecimento de alimentos organizado por Frei Anicetto ou vir à cidade buscá-los nos postos de abastecimento. Os mais ricos partiram em direção a S.Paulo, em ônibus da empresa do

"Seu Quinzinho Fernandes", abarrotados de malas e trouxas de roupa. Alguns outros ainda conseguiram partir no último trem de retirantes que seguiu para S.Paulo, lá pelo dia 23 ou 24 de setembro.

Os que partiam, procuravam esconder seus pertences como podiam: enterrando-os no quintal ou colocando-os no forro da casa, com medo dos federais. Entretanto, essas providências nem sempre deram resultado. Muitos, ao voltarem, encontraram suas casas saqueadas e vazias. Houve os que se aproveitaram da confusão, para roubar o que podiam, mesmo pessoas da cidade assim agiram.

Vencida a Revolução e assinado o armístico, a cidade foi ocupada pelos soldados federais que substituíram as autoridades comprometidas com a Revolução. O medo dos "sanguinários federais" e dos "jagunços nordestinos" não se confirmou: eles não "devoravam crianci - nhas..." nem fizeram maiores danos na cidade, a não ser naturais desentendimentos entre vencedores arrogantes e vencidos altaneiros.

Há notícias de incidentes entre paulistas e gaúchos ou mineiros, principalmente na Pr.Cons.Rodrigues Alves, nos dias seguintes ao término da Revolução. Mas o incidente mais grave ocorreu, a 8/7/33 em que havia retreta no coreto da praça com a Banda da "União Beneficente". A certa altura, pedem que a Banda execute o hino "Alerta, S.Paulo!..." de autoria de Benedito F.Cipolli. O regente hesita ... Os pedidos aumentam... O hino é iniciado... Tiros surgem...Há feridos... correrias... Até há poucos anos, um poste de ferro da Light, em frente ao "Ponto Chic", apresentava sinal dessa noite de tiroteio.

Também com letra e música do compositor guaratinguetaense Benedito F. Cipolli é a marcha de muito sucesso na época:"Mulher Paulista". Numa partitura manuscrita pelo próprio autor, este deixou um recado que bem acentua o caráter não separatista da Revolução Paulista de 32: — "Desejo que cantem a letra que escrevi, pois, trata se da defesa do Brasil e não de São Paulo somente".

Seu estribilho é o seguinte:

" Mulher, mulher paulista,
Se não queres jugo vil,
Vai lutando, sempre, sempre,
Pela glória do Brasil ".

Depoimentos de Participantes da Revolução de 32 em Guaratinguetá

Arquivo "Memória de Guaratinguetá" do Museu Frei Galvão

Brussulo, Armando - Tudo pelo Brasil (Diário de um repórter sobre o movimento constitucionalista) Ed.S.Paulo.1932.

Coupé, B.Dubsky - Aspectos da Revolução constitucionalista em Guaratinguetá. Revista Ângulo. FATEA.Lorena. 1982.

Figueiredo, Euclides - História da Revolução Constitucionalista. Secret. da Cultura. S.Paulo. 1982.

NOTA - O DESENHO, BASEADO EM FOTOGRAFIA DE 1932, MOSTRA A CASA BOMBARDEADA, À RUA 9 DE JULHO Nº 44. ESTA CASA AINDA EXISTE.